

A noção de “pensamento operatório”, de Pierre Marty: Marcas distintivas e referências freudianas

Rodrigo Sanches Peres

Fátima Siqueira Caropreso

Dagmar Almeida Silva de Mello

RESUMO

Pierre Marty se destacou como o principal expoente da chamada Escola Psicossomática de Paris, a qual desenvolveu, com base em pressupostos psicanalíticos, um modelo teórico original sobre a interface mente-corpo. O autor afirmou que apoiou sua obra sobretudo nas concepções de Freud acerca do pré-consciente. Porém, talvez não tenha detalhado suficientemente as referências freudianas da noção de “pensamento operatório”, uma de suas mais importantes inovações. Assim, o presente artigo tem como objetivo delinear as marcas distintivas do pensamento operatório descrito por Marty e estabelecer algumas relações com hipóteses de Freud. Relacionamos o mecanismo somático que estaria no cerne do pensamento operatório com aquele que, de acordo com Freud, operaria nas neuroses atuais. Além disso, argumentamos que o pensamento operatório consistiria em um meio-termo entre o pensamento prático e o pensamento teórico como definidos na obra inicial de Freud, já que em tal condição a possibilidade de uma atividade representacional e abstrata estaria prejudicada e a linguagem seria subsumida à atividade concreta.

Palavras-chave: Psicanálise; psicossomática; teoria psicanalítica

ABSTRACT

Pierre Marty's notion of “operational thinking”: distinctive features and Freudian references

Pierre Marty stood out as the main exponent of the so-called Paris Psychosomatic School, which developed an original theoretical model of the mind-body interface, based on psychoanalytic assumptions. Marty claimed to have based most of his work on Freud's concept of preconscious, although he may not have sufficiently detailed the Freudian inspiration of his notion of “operational thinking”, one of his most important innovations. This article aims to outline the main features of the operational thinking such as described by Marty and establish some of its connections with Freud's hypotheses. In particular, the somatic mechanism at the heart of the operational thinking is related to the one that, according to Freud, is at work in the actual neuroses. It is argued that operational thinking is halfway between practical thinking and theoretical thinking, as defined in Freud's early work. In the operational thinking, the capacity for representational and abstract mental activity is impaired and language is subordinated to concrete activity.

Keywords: Psychoanalysis; psychosomatics; psychoanalytic theory

O médico e psicanalista francês Pierre Marty (1918-1993) se destacou como o principal expoente da Escola Psicossomática de Paris, a qual desenvolveu, com base em pressupostos psicanalíticos, um modelo teórico original sobre a interface mente-corpo. Em diversos textos, o autor afirmou que seu trabalho não teria sido possível sem as descobertas proporcionadas pela Psicanálise acerca da constituição do aparelho psíquico, além de que, em entrevista concedida um ano

Sobre os Autores

R.S.P.
orcid.org/0000-0002-2957-7554

Universidade Federal de Uberlândia (UFU) - Uberlândia, MG
rodrigossanchesperes@yahoo.com.br

F.S.C.
orcid.org/0000-0002-8197-1479
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) - Juiz de Fora, MG
fatimacaropreso@uol.com.br

D.A.S.M.
orcid.org/0000-0002-3974-482X
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) - Juiz de Fora, MG
dagmar.almeida.silva@gmail.com

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC





antes de sua morte, esclareceu que apoiou sua obra sobretudo nas concepções freudianas em torno do pré-consciente (Urribarri, 1992). Sendo assim, Peres e Santos (2012), Casetto (2006), Aisenstein e Smadja (2001/2003), dentre outros, entendem que não há, *a priori*, uma ruptura entre as premissas originalmente estabelecidas por Freud e as inovações introduzidas por Marty, dentre as quais a noção de “pensamento operatório”.

A referida noção se reveste de particular importância por três razões básicas. Em primeiro lugar, porque pode ser considerada o marco inaugural da Escola Psicossomática de Paris. Em segundo lugar, porque funciona como uma espécie de fio condutor da obra de Marty, permitindo uma visão de seu percurso intelectual no transcurso do tempo. E em terceiro lugar, porque levou ao início de um novo capítulo na história da Psicanálise ao ensejar a ampliação de seus horizontes teóricos e clínicos. Contudo, talvez Marty não tenha detalhado suficientemente as referências freudianas da noção de “pensamento operatório”. Esta pode ser apontada como uma das razões pelas quais, nos meios psicanalíticos mais tradicionais, ainda se observam resistências às suas formulações¹. Em face desse movimento, alguns comentadores – como Smadja (2000), Ulnik (2000) e Debray (1983/1995), no contexto internacional, e Peres, Caropreso e Simanke (2015), Volich (2013) e Ferraz (2005), no âmbito nacional, por exemplo – têm se dedicado, mediante a execução de diferentes recortes, a iluminar alguns pontos ainda obscuros quanto à matriz epistemológica de Marty.

Consideramos que iniciativas nesse sentido são especialmente relevantes em nosso meio, visto que a maioria das publicações de Marty não se encontra disponível em língua portuguesa, além de que outras, traduzidas para nosso idioma, estão esgotadas. O presente artigo, assim, tem como objetivo delinear as marcas distintivas do pensamento operatório descrito por Marty e colaboradores e, em seguida, estabelecer algumas aproximações com hipóteses de Freud, com ênfase naquelas que gravitam em torno de suas noções de “aparelho de linguagem” e “aparelho neuronal”. Ressalte-se que as ideias freudianas que serão privilegiadas nesta oportunidade foram selecionadas a partir de nossa preocupação de avançar no que tange a tópicos específicos em relação ao trabalho desenvolvido por outros comentadores de Marty. Ou seja, exploraremos uma senda na qual os primeiros passos já foram dados, porém buscaremos trilhar um caminho próprio de forma a acrescentar algo à literatura atualmente disponível.

DESENVOLVIMENTO

Pensamento operatório: marcas distintivas

Inicialmente, consideramos pertinente esclarecer que, nos

anos 1950, antes do advento da noção de “pensamento operatório”, Marty havia se dedicado à exploração de fatores psicológicos associados ao surgimento de algumas “doenças somáticas” – ou seja, doenças que se expressam na materialidade do corpo – em particular. O artigo intitulado *Aspect psychodynamique de l'étude clinique de quelques cas de céphalalgies*² é emblemático deste fato, pois nele Marty (1951) defendeu que as cefalalgias, em muitos casos, decorreriam de um transbordamento passageiro do aparelho mental associados a uma espécie de bloqueio do pensamento face à ameaça de uma transgressão edipiana. Nessas condições, poder-se-ia depreender a indisponibilidade de um sistema de defesas tipicamente neurótico e o conseqüente recurso a um mecanismo de natureza somática.

Anos depois, no artigo *La relation objectale allergique*, Marty (1958) propôs que pacientes adultos acometidos por asma e eczema, dentre outras doenças alérgicas, comumente apresentariam um tipo de organização mental peculiar, o qual chamou, justamente, de “relação objetal alérgica”. Basicamente, eles tenderiam à fusão com o objeto, sendo que o fracasso desse expediente ensejaria um movimento regressivo de natureza somática que culminaria com uma crise alérgica. Marty defendeu a hipótese de que a relação objetal alérgica se estabeleceria em duas etapas: inicialmente, ocorreria a identificação com o objeto e, em seguida, uma tentativa de controlá-lo.

Na primeira etapa, o acesso do sujeito ao objeto seria marcado por uma profunda identificação, devido à qual não haveria limites entre um e outro. Já a segunda etapa da relação objetal alérgica passaria por um rearranjo da profunda identificação inicial à custa, sobretudo, de um movimento projetivo muito mais generalizado do que aquele frequentemente apresentado por neuróticos ou psicóticos. Assim, o sujeito se engajaria inconscientemente, por um lado, em um trabalho identificatório, beneficiando-se das qualidades do objeto e, por outro lado, em um trabalho projetivo, estendendo ao objeto suas próprias características com base em um movimento cuja intensidade seria potencializada por dificuldades experimentadas na fusão com o referido objeto. O autor ainda apontou, no artigo em questão, a presença de uma dimensão regressiva peculiar na relação objetal alérgica. Afinal, como já mencionamos, em decorrência de falhas nos trabalhos identificatórios e projetivos, ocorreria uma regressão de natureza somática que se desmembraria em uma crise alérgica (Marty, 1958).

Em 1962, Marty e Michel de M'Uzan proferiram, no XXIII Congresso de Psicanalistas de Línguas Romanas, em Barcelona, uma comunicação que foi publicada no ano seguinte, na *Revue Française de Psychanalyse*, como um artigo que veio a representar um *turning point* em sua obra. Nesse artigo, os autores propuseram que, em muitos pacientes acometidos por variadas “doenças somáticas”, principalmente graves,

haveria uma ausência de atividade fantasmática, a qual surgiria acompanhada de um pensamento absolutamente original, que passou a ser designado como “pensamento operatório”. Este seria “um pensamento consciente que: 1) manifesta-se sem vínculo orgânico com uma atividade fantasmática de nível apreciável e 2) reproduz e ilustra a ação, por vezes a precede ou sucede, mas dentro de um campo temporal limitado” (Marty & M’Uzan, 1963/1994, p. 165).

Segundo Marty e M’Uzan (1963/1994), o pensamento operatório estaria diretamente ligado às “psicossomatoses”, termo usado por eles para designar diferentes “doenças somáticas” nas quais situações conflitivas encontrariam na via somática a principal saída. Um sujeito acometido por uma “psicossomatose” – isto é, um “paciente psicossomático” – tenderia a expor suas perturbações como fatos isolados, sem estabelecer associações e sem manifestar envolvimento afetivo. Este tipo de postura, denominada “relação branca”, seria predominante ao longo da vida face à presença do pensamento operatório, em que pese a existência circunstancial de uma “doença somática”. Entendemos que, até mesmo por esse motivo, os autores advertiram que o pensamento operatório não poderia ser categoricamente qualificado como uma exclusividade de “pacientes psicossomáticos”.

Marty e M’Uzan (1963/1994) enfatizaram que, no pensamento operatório, as palavras se restringiriam a ilustrar a ação, não fomentariam elaborações e não possuiriam ligação com a atividade fantasmática. Contudo, os autores destacaram que o pensamento operatório não deveria ser considerado rudimentar ou de má qualidade do ponto de vista lógico e racional, pois o que lhe faltaria seria a referência a um objeto interno vivo. Sem encontrar apoio na capacidade simbólica e sem apresentar valor de sublimação, o pensamento operatório se limitaria a criar insígnias, emblemas de suas relações com os objetos reais. Justamente por isso conduziria ao conformismo, notabilizado pela mera obediência a regras prescritas, com as quais não ocorreria qualquer interação, o que poderia sugerir equivocadamente uma natureza superegógica.

Referindo-se a este possível equívoco, Marty e M’Uzan (1963/1994) apresentaram um fragmento de um caso clínico por meio do qual relataram que uma paciente, ao chegar à psicoterapia, questionou: “Meu pai morreu, o que a gente faz nesse caso?”. Este exemplo ilustra como um fato novo, potencialmente disruptivo, levou a paciente em questão a recorrer a um comportamento imposto e socializado. É nesse sentido que, para os autores, tendo apenas o pensamento operatório à sua disposição, e, portanto, sem se beneficiar das possibilidades proporcionadas pela atividade fantasmática, o sujeito simplesmente “sofreria” a realidade ao invés de vivenciá-la, ou seja, dela participaria apenas concretamente. Sendo desprovido de valor libidinal, o pensamento operatório também não permitiria a exteriorização da agressividade.

Apontando para a singularidade do pensamento operatório, Marty e M’Uzan (1963/1994) o situaram em relação aos processos primário e secundário definidos por Freud ao afirmarem que:

De algum modo, poderíamos considerá-lo como uma modalidade do processo secundário. De fato, encontramos nele uma orientação para a realidade sensível, uma preocupação com a causalidade, lógica e continuidade, etc... Mas a atividade do pensamento operatório fica essencialmente presa a coisas, nunca a produtos da imaginação ou a expressões simbólicas [...]. Isto sugere uma precariedade de vínculo com as palavras, isto é, um processo de investimento de nível arcaico [...]. Se examinarmos agora as relações entre pensamento operatório e processo primário, veremos, num primeiro momento, que tudo parece separá-los. Acabamos de ver, com efeito, que o pensamento operatório, em razão de seus laços com as noções de causalidade, continuidade e realidade, poderia se mostrar como modalidade exclusiva do processo secundário. Sem contar que na aparência existe entre ele (pensamento operatório) e o processo primário, um tipo de falta de continuidade, ao contrário do processo secundário que foi se desligando pouco a pouco do processo primário em favor do contato com a realidade, para se situar no prolongamento e dentro de uma situação de equilíbrio com o mesmo (processo primário) (p. 171).

Marty e M’Uzan (1963/1994) defenderam também que o pensamento operatório seria específico o suficiente para não ser confundido com outro modo de atividade mental encontrada em neuróticos e psicóticos, uma vez que, nesses casos, o pensamento que acompanha a ação sempre teria outro valor além do vínculo com a realidade externa. Como já mencionamos, o pensamento operatório não permitiria um distanciamento em relação ao objeto, com o qual o indivíduo manteria um contato superficial e, assim, se mostraria presente, mas “vazio”. Os autores ainda sublinharam que, no pensamento operatório, estaria em causa um pseudodomínio da realidade semelhante àquele que se verifica nos obsessivos. Nestes, porém, haveria uma manipulação ativa de um pensamento com valores simbólicos que tornaria as palavras superinvestidas.

Sob a égide do pensamento operatório, em contrapartida, as palavras seriam subinvestidas e somente reproduziriam a coisa ou o ato ao qual se referem, abolindo quase que totalmente a distância entre o significante e o significado (Marty & M’Uzan, 1963/1994). Portanto, o sujeito disporia de poucos recursos para a tramitação psíquica das excitações, o que, no limite, potencializaria o risco de “doenças somáticas” mediante a propensão a descargas na materialidade do corpo. Afinal, com o pensamento operatório, o valor funcional da atividade representacional se encontraria apenas minimamente preservado e o papel instrumental da vigília invadiria os processos oníricos.

Volich (2013) condensa as características do pensamento operatório ao afirmar que este se distinguiria pela restrição de contatos do sujeito com seus desejos, pela escassez de sonhos, sintomas psíquicos, mecanismos neuróticos, lapsos, devaneios ou atividade criativa. Tratar-se-ia, assim, de um modo de atividade mental que empregaria empobrecidamente a linguagem e se manteria preso aos fatos e à realidade material. Todas essas características seriam determinadas pela fragilidade no tocante à elaboração das demandas pulsionais, ou seja, poderiam ser atribuídas a um comprometimento acentuado da capacidade de simbolização. Nesse cenário, as relações que o sujeito estabelece com as demais pessoas seriam afetadas pela indiferenciação e por um rebaixamento dos investimentos objetivos. O pensamento operatório, diante do exposto, situar-se-ia fora dos registros neuróticos e psicóticos.

Cumprir assinalar que o artigo que introduz a noção de “pensamento operatório” reúne as principais formulações de Marty sobre o assunto, mas o autor também o abordou posteriormente em diversas oportunidades, até que, em suas últimas publicações, dedicou-lhe pouca atenção. No livro *La investigación psicossomática*, Marty, M’Uzan e David (1963/1967), por exemplo, reforçaram a marcante relação existente entre as atividades representacionais e as “doenças somáticas”. Afinal, sustentaram que, normalmente, a energia pulsional permaneceria investida em atividades mentais, em seus diferentes níveis, oferecendo suporte às relações com os objetos externos, sendo que, concomitantemente, seria direcionada para uma atividade mental específica, voltada para o manejo das excitações. Mas eles esclareceram que, no pensamento operatório, haveria especificidades quanto a isso.

Em termos ideais, o valor funcional das atividades representacionais estaria em absorver, transportar e canalizar a energia pulsional, bem como em conduzi-la para destinos diferenciados e eficazes, permitindo, desta maneira, a manutenção da organização psicossomática com um gasto energético mínimo. Não obstante, nos sujeitos em que se observa a ausência ou a redução das atividades representacionais devido ao pensamento operatório, a energia pulsional, escapando à elaboração, comprometeria a organização psicossomática. Nesses casos, a função de integração seria marcada pela transitoriedade, sem apresentar a mesma eficácia que se vê nos neuróticos e psicóticos. Diante disso, a ausência da dimensão simbólica no funcionamento mental e a propensão a “doenças somáticas” que dela decorreria seriam marcas distintivas do pensamento operatório (Marty, M’Uzan & David, 1963/1967).

Em *L’ordre psychosomatique*, Marty (1980) consolidou os termos “funcionamento operatório” e “vida operatória” para enfatizar que aquilo que havia concebido, a princípio, como um modo de atividade mental relativamente circunscrito se

afiguraria, na realidade, como uma dinâmica mental mais ampla, que seria apresentada – ainda que não exclusivamente – por muitos “pacientes psicossomáticos”. E isso ocorreria devido à insuficiência e à inadequação de representações, mostrando-se elas, como os sonhos, pobres e repetitivas no público em questão. A noção de “pensamento operatório”, assim, começa a ser refinada, mas, como desdobramento desse processo, passa a ficar em segundo plano na teoria do autor, ao menos tal como concebida originalmente.

Para Marty (1980), na vida operatória haveria uma restrição do indivíduo a uma certa uniformidade social, visto que predominaria um tipo de caráter que não se submeteria às organizações do ego. Além disso, comportamentos que, a princípio, estariam ligados aos instintos e às pulsões – como a alimentação, o sono e as atividades sexuais, por exemplo – seriam reduzidos a automatismos, de sorte que os desejos desapareceriam e o sujeito se limitaria à busca da satisfação de necessidades isoladas umas das outras. Cabe aqui assinalar que, como observou Smadja (2000), os instintos, para Marty, tornam-se pulsões quando se ligam a representações, admitindo o autor a existência de instintos de vida e instintos de morte, mas sustentando que os segundos operariam somente quando do fracasso dos primeiros.

Já em 1990, no livro *A psicossomática do adulto*, Marty apresentou uma síntese de sua teorização e reafirmou que o funcionamento mental de “pacientes psicossomáticos” seria diferenciado. Tendo proposto novas noções nos anos 1960 e 1970, como “depressão essencial” e “desorganização progressiva”, a noção de “pensamento operatório” ainda é citada, porém brevemente, a propósito da discussão sobre a importância das atividades fantasmáticas e oníricas como protetoras da saúde física, na medida em que estas desempenhariam um papel de extrema relevância na integração das excitações. Uma vez que tais atividades estariam ausentes no pensamento operatório, este seria naturalmente acompanhado de manifestações somáticas (Marty, 1990/1993). Mas o autor dá preferência aos termos “funcionamento operatório” e “vida operatória”, salientando que “a *síndrome tipo* de estado operatório [...] é relativamente pouco frequente” (p. 18, grifos do autor).

Pensamento operatório: aproximações com hipóteses freudianas

Em seu artigo *Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de “neurosis de angustia”*, Freud (1894/1998) propôs, como o título do texto já antecipa, diferenciar a neurastenia “genuína” de outras condições psicopatológicas, em especial da neurose de angústia, para melhor compreendê-las. Ele então esclareceu que a neurastenia teria como sintomas basilares a pressão intracraniana, a irritação espinhal, o desconforto gástrico com flatulência e constipação e o esgotamento físico e mental,

dentre outros. Já os sintomas característicos da neurose de angústia seriam expectativa angustiada, irritabilidade geral, ansiedade, ataques de angústia, pavor noturno, vertigem, fobias, distúrbios das funções digestivas e parestesias.

No referido texto, Freud ainda defendeu que a neurose de angústia seria decorrente de um acúmulo de excitação sexual que não encontraria possibilidade de expressão pela via psíquica e que seria, então, direcionado para o corpo. Após mencionar uma série de exemplos de perturbações da vida sexual, ele concluiu:

Todas essas indicações – a saber: de que se trata de um acúmulo de excitação; de que a angústia, correspondente provável dessa excitação acumulada, é de origem somática; de forma que o acumulado seria uma excitação somática e, além disso, que essa excitação somática é de natureza sexual e é acompanhada por um decréscimo da participação *psíquica* nos processos sexuais –, todas essas indicações favorecem a expectativa de que o *mecanismo das neuroses de angústia deve ser buscado em um desvio da excitação sexual somática do psíquico e no consequente emprego anormal dessa excitação* (Freud, 1894/1998, p. 98-99).

Os sintomas da neurose de angústia – físicos, sobretudo – seriam, portanto, resultantes desse emprego anormal da excitação sexual impedida de se expressar psiquicamente e de ser descarregada de modo apropriado. A neurastenia, por seu turno, surgiria quando a descarga apropriada da excitação sexual fosse substituída por uma menos adequada. No artigo *A propósito de las críticas ala "neurosis de angustia"*, Freud (1895/1998) retomou e reiterou este ponto de vista. Isso porque defendeu que a neurose de angústia derivaria de algo que manteria a excitação sexual somática afastada da esfera psíquica, ao passo que a neurastenia resultaria da adesão a práticas incapazes de tramitá-la adequadamente, como ocorreria à custa da masturbação.

Tendo em vista o que precede, nota-se que, para além das especificidades inerentes à neurose de angústia e à neurastenia, tais condições psicopatológicas compartilhariam, desde os primórdios da nosografia freudiana, uma importante característica. Ocorre que em ambas não estariam presentes as mediações psíquicas encontradas nas psiconeuroses, como deslocamentos e condensações, o que favoreceria a eclosão de sintomas físicos não-simbólicos, distintos, portanto, daqueles provenientes das conversões histéricas. Justamente por essa razão, Freud (1898/1998), em *La sexualidad en la etiología de las neurosis*, utilizou o termo "neuroses atuais" para agrupá-las e viabilizar uma melhor delimitação clínica em relação às psiconeuroses³.

Posto isso, vale recapitular que, segundo Marty e M'Uzan (1963/1994), no pensamento operatório haveria uma ausência de atividade fantasmática e uma impossibilidade de tramitar psiquicamente as excitações. Como consequência, as

excitações transbordariam para o corpo por meio de um processo que comumente levaria ao surgimento de "doenças somáticas". Dessa forma, na perspectiva do raciocínio por analogias tão caro a Freud, seria possível, em nosso entendimento, apontar como uma primeira referência freudiana da noção de "pensamento operatório" as hipóteses etiológicas sobre as neuroses atuais. Ocorre que um mecanismo somático, de essência não-simbólica e não-conversiva, estaria no cerne dos sintomas físicos associados tanto ao pensamento operatório quanto às neuroses atuais.

Esclarecemos que Ferraz (2005) e Debray (1983/1995), dentre outros comentadores, também identificaram a influência das formulações freudianas sobre as neuroses atuais na obra de Marty. Porém, não se basearam, para tanto, especificamente na noção de "pensamento operatório", tendo, assim, desenvolvido uma argumentação distinta em certos aspectos daquela que ora apresentamos. E cumpre assinalar que o próprio Marty sinalizou a referida influência de modo um tanto genérico, a nosso ver. Exemplo disso é o fato de que, em *A psicossomática do adulto*, sem aludir nomeadamente ao pensamento operatório e às neuroses atuais, mencionou que as cefalalgias e as alergias "pouco correspondem às definições das conversões histéricas" (Marty, 1990/1993, p. 35). E esse livro, como já mencionado, apresenta uma síntese de sua teorização.

Ademais, é interessante notar que, em 1967, durante o XXVIII Congresso de Psicanalistas de Línguas Romanas, em Toussaint, Michel Fain, outro nome notável da Escola Psicossomática de Paris, proferiu uma comunicação por meio da qual revisitou o caso Dora e, basicamente, defendeu que certos sintomas físicos da paciente seriam mantidos por um mecanismo somático equivalente àquele que, para Freud, estaria na raiz das neuroses atuais. Esta comunicação foi debatida no evento por outros autores, dentre os quais Marty, que, em linhas gerais, valorizou as formulações de Fain, mas propôs que o quadro clínico de Dora, em parte, teria sido determinado pela utilização momentânea da via somática como consequência do impacto causado sobre o aparelho psíquico por excitações que ultrapassaram sua capacidade de elaboração. Isto é, Marty, também naquela oportunidade, relutou em estabelecer uma conexão direta entre a noção de "pensamento operatório" e as hipóteses etiológicas de Freud sobre as neuroses atuais. Afinal, no pensamento operatório a via somática não seria utilizada apenas momentaneamente.

Cabe aqui também recapitular que o pensamento operatório, por não manter nenhum vínculo com uma atividade fantasmática significativa, reproduziria e ilustraria a ação. Considerando-se essa característica, compreendemos que uma segunda referência freudiana – sobre a qual nos deteremos neste artigo – pode ser identificada na noção de "pensamento operatório". Isso porque Freud, em sua obra inicial, descreveu um tipo primitivo de pensamento que consistiria na mera

reativação de imagens de movimento, de sorte que seria ação, a rigor. Posteriormente, com a aquisição da linguagem e a constituição de representações de palavra, surgiria uma segunda forma de pensamento, mediada pela linguagem, isto é, adviria a possibilidade de um pensamento simbólico. Detalharemos a seguir como tais formulações foram desenvolvidas.

Em seu texto *La afasia*, Freud (1891/1973), a partir do questionamento das principais especulações vigentes acerca dos distúrbios afásicos, construiu uma teoria sobre a estrutura e o funcionamento do que veio a chamar de “aparelho da linguagem” e, então, propôs os conceitos de “representação de palavra” e “representação de objeto”. Tais conceitos foram retomados em *Proyecto de Psicología* – texto em que o autor elaborou uma tese inovadora a respeito do pensamento, de acordo com a qual a consciência deste estaria diretamente relacionada às associações linguísticas que constituiriam a representação de palavra (Freud, 1950[1895]/1998) – e também nos artigos metapsicológicos de 1915 para explicar a possibilidade de consciência das representações.

A palavra – unidade funcional da linguagem – seria, conforme Freud em *La afasia*, um complexo associativo composto pelos seguintes elementos: a imagem acústica, a imagem visual da letra, a imagem cinestésica da fala e a imagem cinestésica da escrita. A maioria das atividades linguísticas dependeria da imagem acústica, na medida em que ela se associaria às demais imagens sensoriais que comporiam a representação de palavra. Seria também a imagem acústica que permitiria a associação entre a representação de palavra e a representação de objeto, conferindo significado ao primeiro tipo de representação. A representação de objeto igualmente seria um complexo associativo constituído por imagens sensoriais, mas não apenas por imagens acústicas, visuais e cinestésicas, como a representação de palavra. Além de poder ser constituída por uma variedade maior de elementos sensoriais, a possibilidade de novos elementos se acrescentarem à representação de objeto nunca cessaria, ao contrário do que ocorreria com a representação de palavra. Uma vez que as imagens acústicas, visuais e cinestésicas de uma determinada palavra se constituíssem, não haveria novos elementos a serem acrescentados àquela representação.

Assim, a representação de palavra seria um complexo fechado, que adquiriria significação a partir de sua associação com uma representação de objeto. Já a representação de objeto seria um complexo aberto, na medida em que sempre haveria a possibilidade de novos elementos se somarem aos anteriores. E é possível inferir, a partir de *Proyecto de Psicología*, que a representação de objeto adquiriria significado associando-se a experiências corporais, enquanto a representação de palavra adquiriria significado a partir de sua associação com a representação de objeto (Caropreso, 2001). Em última instância, portanto, as palavras sempre fariam referên-

cia a sensações corporais. Porém, devido à mediação estabelecida pela representação de objeto, no funcionamento psíquico normal, essa referência das palavras às sensações corporais não seria diretamente percebida. Para Freud, a linguagem de órgão esquizofrênica resgataria tal significação corporal, visto que haveria um desinvestimento das representações de objeto (Caropreso & Simanke, 2006).

Em *Proyecto de Psicología*, Freud (1998) elaborou a noção de “aparelho neuronal”, com base na qual desenvolveu sua teoria sobre o pensamento. O aparelho neuronal é, então, por ele concebido a partir, por um lado, da noção de “neurônio”, que seria a unidade material do aparelho, e, por outro lado, da noção de “quantidade” (Q), concebida como aquilo que permitiria diferenciar atividade e repouso, e que estaria submetida à lei geral do movimento. Considerando que Freud atribuiu ao aumento de quantidade o desprazer e à sua diminuição o prazer, a tendência do aparelho neuronal seria manter o nível de quantidade o mais baixo possível, ou seja, evitar o desprazer.

Três sistemas de neurônios – que se diferenciariam devido à forma de ação da quantidade – comporiam tal aparelho: o sistema de percepção *phi*, responsável pela recepção de estímulos exógenos; o sistema de memória *psi*, que registraria as informações recebidas; e o sistema *omega*, que seria responsável pela consciência. Entre os neurônios existiriam “barreiras de contato” que ofereceriam resistência à passagem da quantidade. Quando a excitação conseguisse superar essa resistência, a barreira de contato seria “facilitada”, ou seja, tornar-se-ia mais permeável. Estas facilitações tornariam possível a constituição de certos caminhos preferenciais na condução da excitação, o que viabilizaria a memória. E o sistema de memória *psi* é diferenciado em “*psi* do manto”, no qual se formariam as representações dos estímulos externos, e “*psi* do núcleo”, onde se constituiriam as representações dos estímulos provenientes do interior do corpo (Freud, 1950[1895]/1998).

Freud explicou o processo do pensamento a partir da “vivência de satisfação”, a qual teria como modelo a satisfação da fome. Quando uma pessoa percebesse a insatisfação de uma criança e realizasse a ação específica – por exemplo, quando a mãe a colocasse para mamar – para suprimir a fome, a criança, através de ações reflexas, realizaria os movimentos necessários para a alimentação e, assim, a recepção dos estímulos endógenos cairia abaixo do nível da resistência das barreiras de contato de “*psi* do núcleo”, de sorte que o desprazer da fome cessaria. O fim dessa excitação desprazerosa é o que Freud (1950[1895]/1998) chamou de “vivência de satisfação”.

O processo envolvido na vivência de satisfação teria como resultado o fim da excitação corporal desprazerosa, a constituição da representação do objeto externo que executou a ação específica e a formação de uma representação do



movimento reflexo da alimentação que proporcionou a satisfação. Entre as duas representações dos estímulos externos em “*psi do manto*” e a representação do estado de carência em “*psi do núcleo*”, surgiria uma facilitação, isto é, tais representações ficariam associadas. Dessa maneira, quando o bebê sentisse fome novamente, a excitação em “*psi do núcleo*” seguiria pelo caminho facilitado e ocuparia as representações de “*psi do manto*” produzindo a alucinação da representação do objeto e a execução do movimento de sucção em vão. Freud (1950[1895]/1998) chamou de “desejo” esta tendência para investir as representações de “*psi do manto*”. Assim, o desejo seria uma tendência para investir a representação de um objeto e a ocupação desta representação consistiria em uma realização de desejo.

Inicialmente, como comentamos, haveria a ativação alucinatoria da representação de desejo e a execução em vão das respostas motoras, de sorte que a satisfação real não poderia ser alcançada. Para a sobrevivência do indivíduo, esse processo – denominado “primário”, no qual a descarga da excitação dar-se-ia o mais diretamente possível – teria que ser inibido de maneira que a representação desejada fosse apenas rememorada e a realidade fosse levada em consideração para que uma satisfação real do desejo se tornasse possível. Esse tipo de processo inibido é o que Freud (1950[1895]/1998) chamou de “processo secundário”. Além da inibição do processo primário, para que a satisfação real fosse possível, seria necessário que o indivíduo aprendesse meios eficazes de fazer com que o objeto de desejo de fato fosse encontrado. No processo secundário, em vez de a excitação seguir pela via mais direta possível, parte dela ficaria retida nos neurônios e a alucinação seria evitada.

Para Freud (1950[1895]/1998), o pensamento se intercalaria entre o surgimento do desejo e sua satisfação. Sua meta seria fazer equivaler a representação mnêmica correspondente ao objeto de desejo e sua respectiva percepção, a qual seria seguida pela eliminação motora. Essa forma de pensamento, que teria como objetivo encontrar o objeto de desejo, é chamada por Freud de “pensamento prático” ou “reprodutivo”. Em um segundo momento, surgiria uma forma mais evoluída de pensamento, o chamado “pensamento teórico” ou “recognitivo”. Este seria, em certo aspecto, independente da meta imediata de realização de desejo e visaria somente ao reconhecimento dos objetos. No entanto, continuaria a contribuir com a meta de realização de desejo ao permitir o reconhecimento dos objetos e a conhecimento das suas relações com o objeto desejado.

Em suma: para Freud (1950[1895]/1998), o pensamento, em seu momento inicial, consistiria na reativação de imagens de movimento, de forma que pensar seria agir. O pensamento teórico, independente da ação, surgiria a partir da aquisição da linguagem, pelo que dependeria da constituição de representações de palavra no aparelho. O elemento cinestésico da

representação de palavra tornaria possível a consciência de uma representação, de modo que surgiria um tipo de pensamento mediado pela linguagem. No pensamento prático, os caminhos que conduzissem ao desprazer seriam automaticamente evitados. Já no pensamento teórico, caminhos que conduzissem ao desprazer poderiam ser percorridos, desde que a liberação de desprazer fosse parcialmente inibida, pois isso seria essencial para o reconhecimento dos objetos. Assim, como observou Caropreso (2008), a linguagem possibilitaria uma forma de pensamento mais elevada e imparcial.

As hipóteses sobre o processo primário e secundário que começaram a ser esboçadas em *Proyecto de Psicología* foram desenvolvidas em 1900 em *La interpretación de los sueños*, nos artigos metapsicológicos publicados em 1915 e no texto *O eu e o id*, de 1923. Na primeira destas publicações, Freud (1900/1998) propôs que o aparelho psíquico seria composto por vários sistemas de memória, entre eles o inconsciente, que corresponderia ao psíquico inconsciente e insuscetível de consciência, e o pré-consciente, que corresponderia ao psíquico inconsciente, mas suscetível de consciência. Ademais, esclareceu que a representação tópica dos sistemas seria uma representação auxiliar utilizada com fins didáticos e que, na verdade, tais sistemas corresponderiam a dois tipos de processo. O inconsciente corresponderia ao processo primário, que se caracterizaria pelo livre fluxo de quantidade, e o pré-consciente, por seu turno, corresponderia ao processo secundário, que se distinguiria pela retenção de uma parte da excitação nas representações.

As hipóteses sobre o processo primário e secundário que começaram a ser esboçadas em *Proyecto de Psicología* foram desenvolvidas em 1900 em *La interpretación de los sueños*, nos artigos metapsicológicos publicados em 1915 e no texto *O eu e o id*, de 1923. Na primeira destas publicações, Freud (1900/1998) propôs que o aparelho psíquico seria composto por vários sistemas de memória, entre eles o inconsciente, que corresponderia ao psíquico inconsciente e insuscetível de consciência, e o pré-consciente, que corresponderia ao psíquico inconsciente, mas suscetível de consciência. Ademais, esclareceu que a representação tópica dos sistemas seria uma representação auxiliar utilizada com fins didáticos e que, na verdade, tais sistemas corresponderiam a dois tipos de processo. O inconsciente corresponderia ao processo primário, que se caracterizaria pelo livre fluxo de quantidade, e o pré-consciente, por seu turno, corresponderia ao processo secundário, que se distinguiria pela retenção de uma parte da excitação nas representações.

O processo primário estaria presente no aparelho desde sua origem – representaria sua tendência primordial a descarregar

toda a excitação que o alcançasse – e o processo secundário se estabeleceria pouco a pouco a partir da inibição do primário. Mas essa inibição não seria total, e uma parte dos pro-

cessos permaneceria subtraída à influência do sistema pré-consciente. Então, mesmo no funcionamento psíquico normal, os processos primário e secundário coexistiriam, embora o último predominasse sobre o primeiro. As representações que permanecessem incluídas no processo primário – ou no sistema inconsciente – seriam de dois tipos: as reprimidas, que foram incorporadas ao processo secundário, mas acabaram sendo dele excluídas devido à impossibilidade de se evitar o desprazer por elas evocado; e as moções de desejo desde a origem inconscientes, isto é, aquelas que nunca foram integradas ao processo secundário. Freud (1900/1998) afirmou que, pelo estabelecimento tardio deste último processo, um grande segmento do material mnêmico permaneceria inacessível. Logo, podemos dizer que o sistema inconsciente, ou o processo primário, seria constituído por moções de desejo desde a origem inconscientes e representações que foram reprimidas.

Por se tratar de tipos diferentes de processos, o psíquico insuscetível e o suscetível de consciência apresentariam propriedades distintas. Os processos do sistema inconsciente seriam indestrutíveis, atemporais e regidos unicamente pelo princípio do prazer. Os suscetíveis de consciência levariam em conta a realidade, seriam destrutíveis e comportariam a ideia de tempo. No artigo metapsicológico *O inconsciente*, Freud (1915/2010) apresentou com mais detalhes as características peculiares a cada um dos sistemas. Como em *Proyecto de Psicología*, defendeu que apenas o processo secundário teria acesso a representações que evocassem desprazer, desde que a produção de desprazer fosse inibida. E retomou os conceitos de “representação de palavra” e “representação de objeto”, formulados em *La afasia*, para explicar a diferenciação entre representações pré-conscientes e inconscientes. Embora estes conceitos não sejam esclarecidos nesse momento da teoria, é possível inferir que o que ele chamou de “representação de coisa” em 1915 corresponde ao que foi chamado de “representação de objeto” em 1891. Dessa forma, a representação de objeto, como observou Caropreso (2010), passou a designar o par constituído pela representação de palavra associada à representação de coisa.

Enquanto existissem apenas representações de coisa no aparelho psíquico, somente poderia haver processo primário. Em um segundo momento, as representações de palavra se constituiriam e se associariam a uma parte das representações de coisa, sobreocupando-as. Como resultado, surgiria um nível de organização superior, ou seja, o pré-consciente (Freud, 1915/2010). Este nível de organização superior corresponderia ao processo secundário e, portanto, a diferenciação entre os sistemas inconsciente e pré-consciente continuou sendo identificada com aquela entre o processo primário e o secundário. O sistema inconsciente corresponderia ao processo primário, do qual apenas representações de coisa

fariam parte, e o sistema pré-consciente corresponderia ao processo secundário, constituído por representações de coisa associadas às representações de palavra. A novidade, em relação a *La interpretación de los sueños*, é que Freud especifica, em *O inconsciente*, que é a palavra que possibilita a ligação da excitação em estado livre e que o surgimento do processo secundário seria uma consequência da sobreocupação produzida pela representação de palavra.

Em *Proyecto de Psicología* já estava presente a ideia de que seria a associação com as representações de palavra que tornaria uma representação suscetível de se tornar consciente e que permitiria o pensamento teórico, independente da ação. Mas, no referido texto, não se encontra formulada a hipótese de que seria a sobreocupação produzida pela palavra que permitiria a substituição do processo primário pelo secundário. Em *O inconsciente*, essas ideias são mantidas, porém Freud acrescentou que a constituição das representações de palavra é que faria surgir essa diferenciação no aparelho, e explicitou que o conteúdo do pré-consciente compreenderia representações de coisa associadas a representações de palavra, ao passo que somente representações de coisa comporiam o inconsciente.

Em 1923, com o texto *O eu e o id* (Freud, 1923/2011), o processo secundário deixou de ser concebido como resultando da constituição das representações de palavra, ou seja, a hipótese – introduzida em 1915 – de que a constituição dessas representações seria o que instauraria o processo secundário foi descartada, embora tenha sido mantido o pressuposto de que seria a palavra que permitiria a consciência de uma representação. O processo secundário voltou a ser pensado de maneira próxima ao que havia sido estabelecido em *Proyecto de Psicología* pois, nele, o surgimento do processo secundário não dependeria da constituição das palavras, e apenas parte do processo secundário envolveria tais representações. Assim, Freud chegou à hipótese de que haveria dois tipos de processos inibidos, ou secundários: um, que dependeria de palavras, e outro, cujas características não foram especificadas. E este último nos remete ao pensamento operatório como originalmente descrito por Marty e M'Uzan (1963/1994).

De acordo com o que até aqui expusemos, os autores caracterizaram o pensamento operatório como sendo essencialmente ligado a coisas, e não a produtos da imaginação ou a expressões simbólicas, pelo que lhe seria subjacente uma precariedade do vínculo com as palavras e um processo de investimento de nível arcaico. Marty e M'Uzan (1963/1994) sustentaram também que o pensamento operatório, considerado à luz das noções de causalidade, continuidade e realidade, poderia ser qualificado como uma modalidade exclusiva do processo secundário. O vínculo com a realidade estaria preservado, embora as palavras subinvestidas, reproduzindo somente a coisa ou o ato ao qual se referem. Assim, o pen-



samento operatório usaria a linguagem de modo empobrecido, mantendo-a irremediavelmente presa aos fatos e à realidade material.

A hipótese freudiana de uma modalidade de processo secundário que não seria instaurado pelas palavras é, justamente, o que permite o estabelecimento de uma aproximação com o pensamento operatório. Malgrado o fato de Freud não ter especificado as características de tal processo, podemos depreender que este consistiria em um tipo de funcionamento mental mais primitivo e com inferior possibilidade de abstração e simbolização, ainda que se tratasse de um processo inibido em que o contato com a realidade estaria preservado. Portanto, a descrição de tal processo resgatou as hipóteses de *Proyecto de Psicología* acerca da existência de um tipo de pensamento inibido que consistiria em ação, mesmo não podendo ser identificado a este.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do delineamento das marcas distintivas do pensamento operatório descrito por Marty e colaboradores, julgamos que o presente artigo contribui para a difusão da teorização do autor em nosso meio – no qual, como mencionamos, algumas de suas publicações não dispõem de tradução e outras estão esgotadas – e permite ao leitor adentrá-la já ciente de algumas especificidades importantes. Além disso, apontamos como uma referência do pensamento operatório as hipóteses etiológicas sobre as neuroses atuais propostas por Freud, as quais associaram originalmente a emergência de sintomas físicos à ação de um mecanismo somático, de natureza não-simbólica e não-conversiva, distinto, portanto, daquele que operaria na histeria. Ao fazê-lo, seguimos coordenadas estabelecidas genericamente por Marty e fomos ao encontro das proposições de outros comentadores que igualmente sublinharam tal referência, todavia com fulcro em inovações posteriores ao advento da noção de “pensamento operatório”, ou ainda no conjunto da obra do autor.

Não obstante, conferimos ênfase às hipóteses de Freud que gravitam em torno de suas noções de “aparelho de linguagem” e “aparelho neuronal”, qualificando-as igualmente como referência da descrição do “pensamento operatório” por compreender que este guardaria certas semelhanças com uma modalidade de pensamento – descrita desde *Proyecto de Psicología* – que se encontraria diretamente ligada à ação. Nesse sentido, o pensamento operatório consistiria em um meio-termo entre o pensamento prático e o pensamento teórico distinguidos na obra inicial de Freud, já que em tal condição a possibilidade de atividade representacional e abstrata estaria prejudicada, e a palavra seria subsumida à atividade concreta. Como vimos, por fim, as palavras tornariam possível para o pensamento incluir até mesmo as representações desprazerosas. Antes da constituição da lingua-

gem, o pensamento não teria acesso a elas, pelo que o pensamento prático equivalente à ação excluiria o desprazer. E talvez seja precisamente nesse sentido que a afetividade se encontre comprometida no pensamento operatório.

REFERÊNCIAS

- Aisenstein, M., & Smadja, C. (2003). A psicossomática como corrente essencial da psicanálise. In: A. Green (Org.), *Psicanálise contemporânea* (pp. 407-418). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 2001).
- Caropreso, F. (2001). Pensamento, linguagem e consciência nos textos iniciais de Freud. *Paidéia*, 11(20), 29-38. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2001000100004>
- Caropreso, F. (2008). *O nascimento da metapsicologia: representação e consciência na obra inicial de Freud*. São Carlos: EdUFSCar. <http://dx.doi.org/10.7476/9788576002956>
- Caropreso, F. (2010). *Freud e a natureza do psíquico*. São Paulo: Annablume.
- Caropreso, F. & Simanke, R. T. (2006). A linguagem de órgão esquizofrênica e problema da significação na metapsicologia freudiana. *Revista de Filosofia da PUC-PR*, 18(23), 105-128.
- Casetto, S. J. (2006). Sobre a importância de adoecer: uma visão em perspectiva da psicossomática psicanalítica no século XX. *Psychê*, 10(17), 121-142.
- Debray, R. (1995). *O equilíbrio psicossomático e um estudo sobre diabéticos* (J. Souza, & M. Werneck, Trans.). São Paulo: Casa do Psicólogo (Trabalho original publicado em 1983).
- Ferraz, F. C. (2005). Das neuroses atuais à psicossomática. In: F. C. Ferraz & R. M. Volich (Orgs.), *Psicossoma: psicossomática psicanalítica* (3ª ed, pp. 23-38). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (1973). *La afasia*. Buenos Aires: Nueva Visión (Trabalho original publicado em 1891).
- Freud, S. (1998). Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de “neurosis de angustia”. In: S. Freud, *Obras completas*, vol. III. Buenos Aires: Amorrortu (Trabalho original publicado em 1894).



- Freud, S. (1998). A propósito de las críticas a la "neurosis de angustia". In: S. Freud, *Obras completas*, vol. III. Buenos Aires: Amorrortu (Trabalho original publicado em 1895).
- Freud, S. (1998). Proyecto de Psicología. In: S. Freud, *Obras completas*, vol. I. Buenos Aires: Amorrortu (Trabalho original publicado em 1950[1895]).
- Freud, S. (1998). La sexualidad en la etiología de las neurosis. In: S. Freud, *Obras completas*, vol. III. Buenos Aires: Amorrortu (Trabalho original publicado em 1898).
- Freud, S. (1998). La interpretación de los sueños. In: S. Freud, *Obras completas*, vol. V. Buenos Aires: Amorrortu (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (2010). O inconsciente. In: S. Freud, *Obras completas*, vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2011). O eu e o id. In: S. Freud, O eu e o Id, "autobiografia" e outros textos (Paulo César de Souza, Trad, 16, pp. 9-64). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).
- Marty, P. (1951). Aspect psychodynamique de l'étude clinique de quelques cas de céphalalgies. *Revue Française de Psychanalyse*, 15(2), 216-252.
- Marty, P. (1958). La relation objectale allergique. *Revue Française de Psychanalyse*, 22(1), 30-35.
- Marty, P. (1980). *L'ordre psychosomatique – les mouvements individuels de vie et de mort. Tome 2: Désorganisations et régressions*. Paris: Payot.
- Marty, P. (1993). *A psicossomática do adulto*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1990).
- Marty, P., Fain, M., M'Uzan, M. & David, C. (1968). *Le cas Dora et le point de vue psychosomatique*. *Revue Française de Psychanalyse*, 32(4), 679-714.
- Marty, P., & M'Uzan, M. (1994). O pensamento operatório. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 28(1), 165-174. (Trabalho original publicado em 1963)
- Marty, P., M'uzan, M., & David, C. (1967). *La investigación psicossomática*. Barcelona: Luis Miracle. (Trabalho original publicado em 1963).
- Peres, R. S. & Santos, M. A. (2012). *Psicossomática psicanalítica: interseções entre teoria, pesquisa e clínica*. Campinas: Alínea.
- Peres, R. S., Caropreso, F. S., & Simanke, R. T. (2015). A noção de representação em Psicanálise: da metapsicologia à psicossomática. *Psicologia Clínica*, 27(1), 161-174.
- Smadja, C. (2000). Lógica freudiana, lógica martyana. In: A. Fine & J. Schaeffer (Orgs.). *Interrogaciones psicossomáticas* (p. 65-81). Buenos Aires: Amorrortu.
- Ulnik, J. R. (2000). Revisión crítica de la teoría psicossomática de Pierre Marty. *Aperturas Psicoanalíticas*, 5. Disponível em <<http://www.aperturas.org/articulos.php?id=0000121>>. Acesso em 15.11.2016.
- Urribarri, F. (1992). Entrevista a Pierre Marty. *Zona Erógena*, 12. Disponível em <<http://apra.org.ar/pdf/pierremarty.pdf>>. Acesso em 15.11.2016.
- Volich, R. M. (2013). Mitologias: perspectivas clínicas dos movimentos de integração e desintegração. *Jornal de Psicanálise*, 46(85), 141-157.

NOTAS

1. As incursões de Marty pela Biologia, sobretudo a partir dos anos 1970, igualmente contribuíram para a emergência de objeções a seu trabalho.
2. Consideramos oportuno utilizar, ao longo do texto, o título das obras no idioma em que foram consultadas.
3. A hipocondria foi incluída no rol das neuroses atuais somente em 1914.
4. A comunicação de Fain e os debates posteriores a ela no evento foram publicados no ano seguinte, na *Revue Française de Psychanalyse*, como um artigo de autoria múltipla, intitulado *Le cas Dora et le point de vue psychosomatique* (Marty, Fain, M'Uzan & David, 1968).

Recebido em: 10/10/2017

Primeira decisão editorial em: 15/11/2017

Aceito em: 08/12/2017